

Data: 2012/09/09

DIARIO DE NOTICIAS - PRINCIPAL

Título: Universidades com menor número de colocados desde 2006

ENSINO SUPERIOR

Universidades com menor número de colocados desde 2006

Medicina regista
médias abaixo
dos 18 valores

Há 12 mil vagas
para a segunda fase

Veja todas as notas
de acesso no DN

ESPECIAL PÁGS. 23 A 33



PIOR
Politécnico de Tomar preenche apenas 27% das vagas disponíveis

PROCURA
57 cursos não tiveram candidatos e ficaram com as vagas livres

NEGATIVAS
Foi possível entrar em 28 cursos com média abaixo de 10 valores



ENSINO SUPERIOR

TENDÊNCIA

Várias engenharias sem colocados. Explicação: provas exigidas e a crise



ACESSO

Média de entrada no curso de Medicina desceu abaixo dos 18

CALOIROS

Patrícia entrou em Arte Multimedia, Pedro em Medicina



Em dois anos houve menos cinco mil colocados na 1.ª fase de acesso à universidade pública

40 415 colocações da 1.ª fase são o número mais baixo desde 2006

Superior. Ingressos descem pelo segundo ano consecutivo, com 57 cursos a não conseguirem colocar um único aluno nesta fase

PEDRO SOUSA TAVARES

Em apenas dois anos, o número de colocados nas universidades e politécnicos públicos, na 1.ª fase de acesso ao superior, caiu em mais de cinco mil. Os 40 415 acessos de 2012 representam, de resto, o valor mais baixo desde 2006.

Concorreram a esta 1.ª fase de acesso 45 078 estudantes – também o recorde negativo dos últimos seis anos –, sendo que 10% terão de esperar pela segunda fase, que decorre entre amanhã e dia 21, para saberem se entraram no ensino superior público.

Isto apesar de até ter havido um acréscimo das vagas adicionais em relação a anos anteriores, habitualmente criadas apenas em caso de empate entre candidatos.

Este ano, o Ministério da Educação e Ciência decidiu criar mais 162 vagas para compensar os lugares (183) ocupados por alunos do ensino recorrente que, ao abrigo de decisões judiciais, conseguiram entrar no superior apenas com base nas médias internas de conclusão do ensino secundário.

Assim, há 12 306 vagas sobranes para a segunda fase, a que se poderão somar até 7000 criadas em regimes específicos como as vagas para maiores de 23 anos, concursos locais e ingresso de alunos que concluíram cursos de especialização tecnológica nos institutos politécnicos.

Para já, no entanto, estes são números que se traduzem em más notícias para muitas instituições do ensino superior, que veem para já os ingressos reduzidos em

cerca de dois mil estudantes. Nas listas divulgadas pela Direção-Geral do Ensino Superior há 57 cursos que não colocaram um único aluno e 409 que ficaram além do mínimo exigido de 20 alunos, ainda que alguns destes últimos casos tenham autorizações especiais para operar com turmas menores. As áreas de Engenharias e o pós-laboral (*ver texto na página seguinte*) sofrem o principal rombo.

Já ao nível das instituições, o Politécnico de Tomar repete este ano o pouco invejável título de pior taxa de ocupação de vagas, com apenas 27% da oferta preenchida nesta fase. Seguem-se outros dois politécnicos, Bragança e Portalegre, respetivamente com 30% e 33% de ocupação.

Apenas três instituições conseguiram exceder a oferta inicial logo na primeira fase: a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (102%) e as Escolas Superiores de Enfermagem de Coimbra e do Porto (ambas com 101%), sendo que a escola de Enfermagem de Lisboa também fez o pleno da oferta. Entre as grandes universidades, o Porto teve o melhor desempenho, com 99%.

Medicina (*ver página 25*) preenche 1541 vagas, mais 23 do que no ano passado, sendo que pela primeira vez desde 2010 foi possível entrar com menos de 18 valores.



INÍCIO DA SEGUNDA FASE
10
 SETEMBRO

NÚMERO DE VAGAS DISPONÍVEIS
12 306

Ordem vê bons e maus sinais na quebra das engenharias

Procura. Há dezenas de cursos de Engenharia sem um único colocado. Bastonário relaciona questão com exigência de provas de física e matemática, mas também com a crise

PEDRO SOUSA TAVARES

Dos 57 cursos sem qualquer colocado na 1.ª fase de acesso ao ensino superior, 47 têm algures no seu título a designação de "engenharia". E largas dezenas de outras formações ficaram abaixo dos 20 inscritos exigidos para a formação de turmas. Dados que a Ordem dos Engenheiros associa ao reforço da exigência nesta área, mas também à percepção que muitos estudantes têm das hipóteses de emprego nesta área.

"É evidente que [esse resultado] me deixa preocupado por um lado", diz ao DN Carlos Matias Ramos, bastonário da Ordem. "Mas, por outro, se isto corresponder a uma melhoria das condições dos próprios cursos, então será um sinal positivo."

Este ano, uma alteração legal tornou obrigatória a realização de exames nacionais de Matemática

e Física e Química para a candidatura a vários cursos de Engenharia. E os resultados fracos dos alunos nestes exames, sobretudo nos da segunda disciplina, ajudam a explicar o êxodo de muitos candidatos. Física e Química, recorde-se, registou uma média de 8,1 valores na primeira fase de exames, menos 2,1 valores do que em 2011, sendo que as reprovações na prova também subiram de 16% para 24%.

Para Carlos Matias Ramos, se os números significarem que só os alunos bem preparados nessas disciplinas entraram em Engenharia, o balanço acaba por ser favorável. "Há muitos anos que defendemos a importância da matemática e da física como base para a formação de um engenheiro."

Por outro lado, o bastonário

lembra a "oferta incomportável" de cursos da área: "Há 3,4 anos havia cerca de 600 cursos de engenharias e agora ainda há uns 500."

O certo é que, mesmo entre as universidades mais prestigiadas, a procura da Engenharia Civil – tradicionalmente o mais requisitado dos cursos da

área, ressentiu-se significativamente nesta primeira fase de acesso, nas colocações como nas médias.

A Universidade do Porto foi a única a conseguir preencher

os 165 lugares colocados a concurso, registando também a nota do último colocado mais elevada – 13,8 valores. Seguiu-se a Universidade Técnica de Lisboa, que apenas deixou por preencher cinco dos 185 lugares criados e registou a média de 12,2 valores.

Já a Universidade Nova só conseguiu ocupar 36 dos 115 lugares criados e a Universidade de Coimbra ocupou 31 das 125 vagas.

Sinais de que outros fatores, como o impacto da crise económica na construção civil, da qual os engenheiros dependem, podem também estar a pesar.

Profissão "desvalorizada"

E é a este nível que a Ordem começa a ver motivos de preocupação: "O que se passou, no sentido da redução do número de alunos, também está relacionado com o ambiente de desvalorização da profissão de engenheiro", diz o bastonário, dando o exemplo de um célebre anúncio do Instituto do Emprego que oferecia 500 euros de salário mensal a um engenheiro civil. "Essa desvalorização está a ter consequências graves", alerta. "Já teve na Europa Central. Por exemplo, a Alemanha tem déficit de engenheiros."

Bastonário teme desvalorização da profissão de engenheiro

CANDIDATOS



PATRÍCIA TIMÓTEO

18 anos. Candidatou-se a Arte Multimédia na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa [média do último colocado a entrar em 2011: 15,90 e em 2012: 16,15]. Média: 16,30



TÂNIA SANTOS

17 anos. Candidatou-se a Engenharia Química na Universidade de Aveiro (média do último colocado a entrar em 2011: 12,4 e em 2012: 13,3). Média: 12,9



CÁTIA RODRIGUES

18 anos. Candidatou-se a Bioquímica na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (média do último colocado a entrar em 2011: 15,30 e em 2012: 15,78). Média: 14,70



PEDRO RUIVO

18 anos. Candidatou-se ao curso de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (média do último colocado em 2011: 18,83 e em 2012: 18,35). Média: 18,05

A alegria de entrar na primeira opção

Foi com surpresa, mas muita alegria, que Patrícia Timóteo, do Seixal, recebeu a informação da nota do último colocado a entrar no curso de Arte Multimédia da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (16,1). Admiração porque, "atendendo às notas dos exames, não estava à espera de que a média subisse", mas muito entusiasmo porque entrou no curso que tanto queria e vai conseguir ficar perto de casa, outra das suas preocupações. "Vai ser um ano de adaptação e de conhecer pessoas novas. Vai correr bem", diz. J.C.

Alternativa é mudar de curso no próximo ano

Quando se candidatou, "já sabia que era um risco", mas a média do último colocado em 2011 até lhe dava alguma esperança. Contudo, contrariando as suas expectativas, a média subiu e, ao que tudo indica, terá entrado na segunda opção – Engenharia dos Materiais (11,76). Nada está perdido. "É um curso semelhante, pelo que tenho sempre a opção de conseguir bons resultados este ano e depois mudar de curso", refere, admitindo que "podia ter trabalhado mais no secundário e até mesmo para os exames". J.C.

Resta a esperança nas vagas da segunda fase

Inicialmente a primeira opção era Cardiopneumologia, na Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Coimbra, mas ponderou e percebeu que Bioquímica (15,7) podia ter mais saídas. "Estava com esperanças de que a média descesse em Coimbra e Aveiro, mas isso não aconteceu. Se abrirem vagas, ainda vou tentar na segunda fase", refere. Entrou em Cardiopneumologia, com média de 15,40 (devido à prova específica para acesso). "Não fico tão contente como se tivesse entrado em Bioquímica." J.C.

"Em Medicina sei que tenho trabalho"

Pedro Ruivo terá entrado em Medicina na Universidade de Lisboa (média 18,05). "É um choque. Estava à espera de entrar na Nova [média 17,95] ou em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores no Técnico [média 15,43], porque não esperava que as médias descessem. Mas entrei naquela que o meu pai gostava, o que é bom", confessa. Vive em Aveiro e já tem tudo pronto para se mudar para a capital. Quanto às expectativas: "Se não gostar de Medicina, mudo. Pelo menos sei que tenho trabalho." J.C.

